

Semanario de caricaturas e humorístico

Propriedade da Empresa do jornal o xis

DIRECTOR

ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

EDITOR—ALBERTO BARBOSA

Composto e impresso na A. CENTRAL—L. do século XVIII, 50



SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO

Indirizzo e correspondência, T. da Espera, 53, 1.º—LISBOA

AGUENTA QUE É SERVIÇO



S.S.

—Este tem de deixar de ser besta de carga e aquelle é que é proprio para você montar e mais commodo.

—Eu protesto. Vou difamar a Republica. Vou pedir a intervenção estrangeira.

—Cala a bocca, urso! O' amigo Affonso deixa o lá zurrar á vontade, tire-me lá esta albarda, que já é tempo.

Machado Santos

Cá estou eu de chapéu na mão, reverente, curvado, agradecido, a saudar com todas as veras do meu intimo o grande heroe da Rotunda, que implantou a Republica em Portugal, enxotando essa corja de patifes, que com as suas reverendissimas poucas vergonhas queriam levar isto tudo *p'ró maior*...

Com a barbinha feita e o fato mais castita que pude envergar, envio ao bravo commandante a expressão mais sincera do meu reconhecimento e os peitos de homenagem, a que tem jus pela sua lealdade e valentia.

Antigamente no dia de S. Martinho empiteirava-me muito rasoavelmente por essas baiúcas e acordava no dia seguinte, esfalfado, com a bocca a saber a ferros-velhos. Hoje só ao pensar que o brioso Machado dos Santos tinha um retrato todo *chic* na pagina central do meu periodico mandei á tabúa todos os santos e santas, piteiros ou não, e não bebi nem um decilitrinho, porque não queria cheirar a *nurraça* quando grilasse em voz de trovo:

—Viva Machado dos Santos!

Devemos confessar, com franquezinha, que temos uma divida em aberto para com elle, á qual nunca mais se saldará, de tal grandeza é o favor prestado. Machado dos Santos foi um desinteressado cooperador da causa republicana, portou-se como o mais valente e estava prompto a lutar até ás ultimas pinguiñas pela ideia do povo, a despeito de todas as contrariedades e trapalhadas, que porventura surdissem.

Na Rotunda não tinha mãos a medir. Elle mandava, gritava, barafustava, bufava, avançava e atirava sempre com a mesma força de animo e a mesma energia de acção.

Foi um machado terrível para a montarchia, com a lamina mais estreita ainda que u ma folha de papel *Zig-zag*, mas longe de ser *dos santos*, provou ser um homem de todos os diabos, mais azougado que o proprio mercurio! E' um homem ás direitas e se não fosse com medo que elle se zangasse cá com o rapaz, dava-lhe na cara uma beijoca muito repenicada, que se pudesse sentir em Inglaterra onde passeia o pequeno; que queria mandar cá esta tropa toda... Pegava n'elle com ambas as mãos, levava-o em triumpho pelas ruas de Lisboa e não me cançava de o apontar aos estupidos, que pastavam de bocca aberta com cara de parvos, por me verem sobraçar o heroe mais lindo, mais bello e... mais teso que eu tenho visto e conhecido.

Ora agora digam cá vocês com sinceridade se alguém dá cinco réis por elle, se não souber quem ali está?!

Com a figura franzina, baixo, de oculos, com cara de poucos amigos eu tenho a certeza, que se não soubessemos as suas ideias, diriamos ao vê-lo passar:

—Lá vae um *thalassa*!

Depois iam os vigiá-lo e só dariamos pelo engano quando o nosso Machadinho não era jesuíta, que apesar dos oculos podia ser mais *alto* que todos os outros e que apesar de ter cara de poucos amigos era, afinal de contas, um cavalheiro amavel, cortez, af'encioso, d'aquelles que a gente costuma dizer que tomaram chá 2 n pequenos.

MACHADO SANTOS

I

Um intrepido heroe, um bravo combatente
Libertador de um povo á força acorrentado,
Foi no combate leal, impávido, esforçado
No triumpho é modesto e pompas não consente.

No puro coração da lusitana gente
Em letras de chrystal seu nome está gravado;
Na Historia ha de ficar p'ra sempre consagrado,
Em nossa estima tem lugar proeminente.

Na simples saudação que me sahiu da penna
Não ha da adulação o virus que envenena,
Mas a expansão sincera activa e liberal.

O povo portuguez, heroe d'antigas eras
Não julga o seu passado um sonho de chimeras
Pois hoje inda ha heroes no bravo Portugal!

Julio Dumont

II

Altivo e vingador, soberbo e genial,
No peito acalentando a fé da Liberdade,
Soltou com energia um brado de verdade
A' patria dedicou um hymno colossal!

Em luta sobrehumana, impávido, immortal,
Ao ecco dos canhões com alma e com vontade
Levou até bem longe a sua heroicidade
E deu ao forte luso um novo Portugal!

E foi de terra em terra e foi de mundo em mundo
A' montanha mais alta, ao valle mais profundo
Em canticos bradar ás varias gerações

Que não podem morrer os filhos d'essa gente,
Que abriu de par em par as portas do Oriente,
Emquanto houver no mundo a Biblia de Camões!

Alberto Barboza.

O nosso periodico está hoje em festa; nas janellas cá da casa temos hoje brilhante illuminação de balões á veneziana, e tudo isto ainda é pouco, porque sou pobresinho e ainda não ha muito tempo andava curvado pelo peso de tantas albardas e de tantas alcavallas.

Se tivesse mais *carcanhoes* dava hoje uma jantarada de arromba em louvor do Machado dos Santos com arroz doce, vinho fino, giripiti, etc. e fazia-lhe um discurso tão bonito e tão sincero que mettia

n'um chinello o meu Antonio Zé d'Almeida, que falla que é mesmo um encantado!

Assim limito-me a dar vivas ao Machadinho valente, á enviar-lhe um chiorão muito apertadinho e a estampar-lhe a physionomia no meu numero de hoje.

Acham pouco ainda seus tolinhos? Se querem mais festança enviem de pressa massa que se encarregará de arranjar o pagode

O Zé.

EXPEDIENTE

A todos os cidadãos que se nos têm dirigido pedindo para lhe remettermos o 1.º numero d'O Zé temos a dizer-lhes que em breve serão attendidos, pois vamos fazer nova edição, isto é, a 3.ª.



Contam os jornaes que um pobre soldado que foi um heroe na campanha dos cuamatás foi agraciado pela monarchia com a Torre e Espada e a pensão annual de noventa mil réis.

Não era grande a ucharia mas antes isso do que nada.

O diabo, porem, é que o valente soldado só viu a condecoração no peito... dos outros e a respeito dos noventa mil réis nem de longe conseguiu pôr-lhes a vista em cima.

Se se tratasse de algum *masmarro* que precisasse de dinheiro para ter jornal onde desse coices nos liberaes, o cofre do thesouro estava aberto.

A administração e «moralidade» monarchicas foram sempre assim.

Agora que isso já lá vae com todos os diabos, é justo que a Republica dê a pensão ao pobre soldado.

Cremos que o governo provisorio, assim fará.

Emquanto a brava commenda
O soldado pôde esp'rar,
Sem que o seu valor se offenda,
Mas a *massinha*, essa prenda,
Isso é que lhe ha de faltar.

O rei *tumbá* tinha ao seu serviço uma policia preventiva que custava tres contos trezentos e sessenta mil réis por anno.
Está claro que não era elle que a pagava, porque os reis não sabem conjugar esse verbo.

Afinal para que lhe serviu a tal *preventiva*?

Tinha-lhe servido para mais uma «secreta» para as «Necessidades».

Era gastar sempre á larga
Para *ganhar* muito taludo,
E o Zé a besta de carga
Callado pagava tudo.

Té que um dia pôz-se á tesa
O regime fez em postas.
E lá foi a realisa
Co'a mala da mãe ás costas!

Affirma-se que o decreto regularizando o pagamento das rendas de casa sae antes do dia 20 começando logo a vigorar.
Que grande chi-coração que o Zé dá no Affonso Costa n'esse dia!

Os agiotas e os prestistas hão de amolar o caso, fazendo coro com o senhorio Harpagão, mas de nada lhes servirá.

Chorem na tanga que é parte quente por que quem mais enora menos... soffre.

Não tenham gestos soezes
Porque a lei é sempre forte.
Recebam a renda aos meses
E inda estão com muita sorte.

Mas se com ideias toscas
Kellam como insensatos
Deixem star a casa ás moscas,
A's aranhas mais aos ratos.

ORLANDO.



—Que a Liga do Carapau
Apanhou grande quinau.

—Que a traidora monarchia
Foi já p'ra... Casa da tia

—Que os paspalhos e pespêgos
Ficam sem *chucha* de empregos.

—Que o famoso Benebruto
Cada vez é mais matuto.

—Que o Mattos, bom rapazinho
Rezou muito a S. Martinho.

—Que a Gaby, menina bôa
E' rainha... mas sem c'rôa.

—Que o nosso tio Bernardino
Cada vez está mais fino.

—Que o jarreta *Immaculado*
Foi-se ao chão... ficou tramado.

—Que da caridade as manas
São todas republicanas.



O *macaco azul* vem restaurar a monarchia em Portugal á frente de um exercito de *Cacilhas*.

Elle vem á frente, mas não traz o monocolo para não ser conhecido entre elles.



Está bom!

A imperatriz da Alemanha foi agora nomeada coronela honoraria d'um regimento qualquer.

Qualquer dia temos ahi a D. Rebolona generala e a D. Fernanda capitona...
A' certa!



Granadas... a granel



O cura:

Bojudo padre cura, em cuja pança
Se albergam bellos nâcos de lombeira,
Regados com copinhos da frasqueira
Que os freguezes lhe mandam por lembrança!

Assim vive esse porco na abastança
P'ra regalo da farta toucinheira,
A fungar repimpado na cadeira,
Onde todo risonho se balança!

Em casa tem mulher! Um mulhéão
De cara avermelhada e muito lisa,
Ancas largas, bom peito e bom pernêo!

A' bella dá-lhe tudo que precisa
E os filhos que possuem esse peixão,
Elle os faz, elle os veste, elle os baptisa!!!

XAVIER DE MAGALHÃES.



O *pulha d'Aveiro* reapareceu mais mansinho mas arrebitando ainda as porcas orelhas.

Pois tenha cautella não lh'as cortem.
Ha quem se preste a isso embora tenha de sujar as mãos n'essa porcaria,

Ultima hora

Redacção Zé—Lisboa.—Acerca de Manuel poder rir-se com mulheres, elle mesmo me disse que só pode uma vez por mez.—Gaby.

Redacção do Zé—Lisboa.—Ao primeiro tiro tocou telephone. Cheguei aparelho á bocca, mas nada.—Alpoim.

Redacção Zé—Lisboa.—Estava garrafa Vidago em punho, quando ouvi bombas. Estampido rólha saltou e espuma foi tanta que engasguei-me.—Teixeira de Sousa.

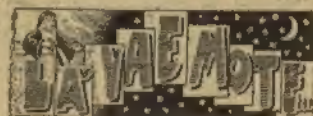
Redacção Zé—Lisboa.—Quando principiou estava fazendo uma poesia. Logo larguei, corri S. José que conservo entre mãos. Gomes Leal.

Redacção Zé—Lisboa.—Não sabemos que fazer vida. Estamos a ver ter nos dedicarmos ao ponto.—Um grupo de canastras.

Redacção Zé Lisboa. Batata ser fresca para correr monarchicos e tomates vejo haver mais lá que cá. Saude.—Porto—Maria do Bolhão (vendedeira).

Redacção Zé—Lisbon.—Protestamos intermedio redacção. Trabalho tanto que para estarmos de arma na mão precisa mos sentarmo-nos.—Pelas sentinelas, João Mafarico.

Redacção Zé—Lisboa.—Não me felicitam decretos publicados: o mais teso tenho ainda aqui á frente.—Gabinete do Dr Affonso Costa.



Dos publicos empregados
O cebo augmenta na manga.

GLOSA

Já não temos feriados
Grandes galas nem pequenas,
Adéus pandegas amenas
Dos publicos empregados!
Ficamos abananiados
De mandricê á piranga
Mais trabalho e'té por zanga
Que nos causa grande enguiço
Com mais dias de serviço
O cebo augmenta na manga.

AMANUENSE.



Sorau Academico

E' cada vez maior o enthusiasmo do publico por esta festa.

Representar-se-ha uma das mais bellas peças do insigne escriptor Julio Dantas, que teve a gentileza de ensaiar e apresentar-se uma grande orchestra academica.



Epitaphio

Aqui descança um chapeu
Ha tempos posto de lado,
Pois o dono, o Zé Ilheu
Té que emfim se arrependeu
De o trazer tão ensebado!

VIU-SE OREDO.

HOMENAGEM AOS HERÓES DA REVOLUÇÃO

DAS TREVAS
PARA A LUZ

MACHADO DOS SANTOS

SIMA E SOUZA





~ Deixarem de aparecer todos os dias novos jornaes.

— O Marquez de Soveral deixar de zurrar asneiras em Inglaterra.

— Saber-se onde está a valentia dos monarchicos entusiastas.

— O Correia d'Oliveira e o João Maria Ferreira fazerem mais versos a reis.

— Haver alguém em Lisboa que não seja republicano.

— Acabarem as manifestações patrióticas em Lisboa.

— O nosso jornal deixar de se esgotar todas as semanas.

— Saber-se a razão que teve a empreza do theatro Apollo para não levar a peça do nosso collega Penha Coutinho *Ditosa Patria*.

— O Dr. Afonso Costa deixar de apresentar decretos.

— O Gomes dos Santos dizer uma verdade sobre os acontecimentos revolucionarios.

— Saber-se em que se entretém actualmente o reverendissimo bispo de Beja.

— A ex-rainha D. Amélia deixar de ter esperança de outra vez... *reinar*.

— Darem resultado positivo as associações dos jornalistas, que n'esta occasião se vão fundar.

— Saber-se a maneira de pagar a divida externa.



A AURORA

Um ar mais livre e puro emfim respiro
Não vendo em meu redor a reacção,
Que tanto rebaixou esta nação;
Oh! Quanto a Liberdade d'hoje admiro!!

— Portugal: E's emfim guarda e retiro
Da Aurora d'essa tão nobre Ambição!
Do mundo uma vez mais a admiração,
Forçado a correr tanto pódre a tiro.

Não tem barreiras, não, minha alegria,
Não tem tua bravura nada igual,
Ressuscitaste como por magia!!

Que o mundo saiba emfim que Portugal
Não só ambicionava, mas sabia
Levar ao fim um grande e nobre Ideal!

A. NEVES.



O Barão do Salgueiro

O Barão do Salgueiro declarou aos cinco ventos (entrando um que não vem na rosa dos ditos) que em vez de se assignar José de Faria Pinho Vasconcellos Soares d'Albergaria, se assignava para o futuro simplesmente *José Pinho*.

Pois amigo barão, lavre lá dois tentos, mas olhe que não ganha a taça.

O Zé também tem muitos nomes, e bem bonitos, por signal, mas o mais querido das damas... de copas... e páus, é este assim: *Zé!* Tomára você ter o nosso na mão para se falar de tir...



Pois sim... mas anda lá

Consta-nos que o presidente do governo foi cumprimentado pelo dr. Santos Farinha.

Será verdade, mas quer-nos parecer que Santos d'aquelles já não fazem farinha com o presidente.



A uma ex-freira

Já respiras o ar da Liberdade,
Já vês o sol que nasce para todos,
Não mais darás aos padres carnaes bodos
E a quem não respeitava a tua idade.

Perdida no convento a virgindade
Após alguns «santissimos» exodos,
Do fanatismo suja dos vis lodos,
Tinhas perdido a rósea mocidade.

Hoje és d'um povo livre cidadã,
Tens deante de ti um Amanhã
Liberiador, honrado e de labuta

Mas se inda sentes n'alma uma lembrança
D'essa clausura vil, então creança,
Engeita a honra e faz-te prostituta.

ORLANDO.



O reconhecimento

Até que emfim as principaes potencias
da Europa reconheceram a Republica
Portuguesa, e entre ellas a Inglaterra.

Todos os homens de acção se sentem
satisfeitos por terem chegado os ingleses
á barra... do nosso reconhecimento.



Vae-se organizar um bando precatorio
para acudir a quem foi victima de tantos
bandos.

E' justo.



Ao ler o reconhecimento da Republica
pela Inglaterra uma patriota gritou enthu-
siasmada:

— Bravo, bravo! Estou com os ingle-
zes!



Os senhorios estão fulos com a ideia
de só receberem as casas aos mezes.
Pobres animaes, coitadinhos!



Já valente e destemido
Com tesura de arrombar,
Mostrei ao poyo atrevido,
Que apezar de perseguido
Tenho os brios... no meu logar.

Dei abraços ás nações
A gritar abri a guella,
A' França dei apalpões
E beijinhos aos milhões
Na salerosa Castella.

Depois com geito e com manha
Desejando ser gentil,
Sem lembrar antiga sanha,
Ao collo tive a Allemãha,
E gnter: viva o Brazil!

Agora sou sem favor
O maior dos portuguezes,
E disse á minha Leonor
Que apanhando um bom calor,
Tambem stive co'os ingleses!

PRESIDENTE.

Aos portuguezes, ao exercito e á marinha

Heroes que levantaste o nome já famoso
Da Patria vossa mãe, do velho Portugal,
A historia bendirá esse acto grandioso
Que vos enobrece a face mundial,
Em cunhos de relvão, em ãnos diamantes
Dizendo que tal raça é raça de gigantes.

A onda repele, á voz da tyrannia
Em uivos de rancôr, feroz rapacidade,
Roubava-nos a hora, o nome nos vendia
E sobre um charco vil jazia a Liberdade
Prostrada n'agonia, o peito em convulsões,
Reliquia conquistada a sangue e privações.

Erguia-se uma casta, a lepra, a podridão,
A velha dynastia, o cancro social,
Na sombra sem fragôr urdiam a traição,
Tramavam contra nós; vendiam Portugal!
Cavalha realenga envolta n'uma estola,
Caterva de mastins da seita de Lolola.

Mas eis que vem o dia, a hora desejada
Por todo o portuguez, illustre descendente
De Gama e d'Albuquerque, a raça decantada,
Que deu com todo o amor e brilho aurifugente
Exemplo de valor de que não ha memoria
Engrandecendo mais o nome á luma historia.

Então a branca luz que ora vos guion;
A chamma crepitante em peitos valorosos,
N'um facho grandioso alim se transformou
Iluminando pois a fé dos revoltosos,
Os leva n'um fervor de são patriotismo
A feitos colossaes de gloria e de heroismo.

Dizei a todo o mundo, á grande humanidade
Que o ferro dos grilhões que o pulso vos feria
Quebraste-os com fragôr á voz da Liberdade,
Agora o fundirás em armas de valia.
Em armas sem rival o ferro é convertido,
Em symbolos reaes d'um povo engrandecido.

Saúdo vos então heroicos portuguezes!
Que a vossa obra seja altiva no futuro
A Patria defendei em todos os revezes
Com vosso grande amor tão bello, honesto e puro
Cantando-a com fervor em hymnos de grandezza!
Cantai a vossa Patria ao som da «Portuguesa»!

STYL.



Parece impossivel...

Ora vejam lá a que estado chegou a
Egreja Catholica Apostolica!

O representante do Santo Padre em
Lisboa é o Cardeal... *Mazella!*...



BRAYO!

AO «REI SAGÁRA»

Bravo seu heroe, gostei de o ver
Da legação 'spanhola, heroico, em frente,
Soltar um viva audaz, d'alma, fremente,
Pela Escola Moderna de Ferrer!

Foi só a sua voz que sem temer
Se ergueu por sobre todas tão ardente,
Mostrando que o moderno povo ingente,
Não póde a afronta vil, mais esquecer!

Não leva o seu protesto offensa alguma
Para a Hespanha moderna, a Plebe summa,
Do povo portuguez querida irmã;

Apenas é um grito d'alma pura,
Que vendo alto adejar sotaina escura
Põe os olhos na esp'rança do Amanhã!

VIU-SE GREGO.



Ai crédo!

Diz-se que o Soveral não descança na
propaganda contra a Republica.
Ai que graça tem o macaquinho!



Foi reformado o nosso amigo *Maka-
venco*.

Parabens, e que occupe a sua activida-
de paparcando optimos jantares com o
«fastio» que lhe é peculiar,
E' o mal que lhe desejamos.



—Com que então os inglezes já chegam ao rego, hein?
—Que me diz?
—A verdade.
—Safal!... outro tanto não digo eu.
—Ora essa!... Porquê?
—Ora porquê!... Por que já lá vae esse tempo.

—Não se trata d'isso!... Trata-se do reconhecimento da Republica pelas nações europeias, e principalmente pelos inglezes. Vocemecê não lê jornaes?

—Leio sim, mas não percebo o que têm os inglezes com o rego cá da gente!
—Que têm?
—Sim, que têm!

—Têm muito! Então se a Republica não fosse reconhecida pelas outras nações, transformava muito o Commercio... a Bolsa... Vocemecê sabe o que é uma agitação na Bolsa?

—Se sei!... Diga-me cá a mim o que isso é!... Tenho um primo empregado n'um banco, que assim que presente agitação na Bolsa, vem logo ter commigo para o consolar... para lhe dar conselhos...

—Então já vê o que seria se a Republica não fosse reconhecida.

—Pois sim, mas foi.

—E que grande manifestação que o povo lhe fez! Parece impossível que haja tanta gente!

—Vocemecê foi vêr!

—Fui, mas vi-me n'um aperto...

—Ah!... sim?!

—Ora!... faz lá idéa!...

—E foi só?

—Não. Fui com a Rosalia, aquella que mora lá ao meu lado, mas é um diabo!... Não gosto nada de sahir com ella!

—Então porquê?

—Quando vamos as duas sempre aquelle diabo me ha de arrear.

—Mas para que a acompanha?

—Ora... que quer? O meu homem foi lá com os amigos... Já vê que eu não havia de ir sósinha.

—Se me tem dito, eu acompanhava-a.

—Eu sabia lá se vocemecê também queria ir.

—E gostou da festa?

—Ai, filha, foi um delirio! Aquillo era gente por essas ruas fóra!... Não calcula!...

—Então gosou, não é verdade?

—Podia gosar mais se não fosse com a Rosalia.

—Pois eu no seu caso fazia-me uma mulher perdida.

—Mulher perdida!... Veja lá como falla!...

—Não!... Quero eu dizer na minha, que me perdia d'ella, percebe?

—Foi o que eu fiz. Imagine que ella em frente do consulado francez, tão entusiasmada estava, que quiz tirar uma bandeira que um homem levava n'um pato, para a agitar tambem. O homem não deixou, e agora aqui começam elles, a puxar cada um para seu lado...

—E vocemecê o que fez?

—Que fiz? Safei-me sem dar cavaco, e lá a dei-se agarrada ao pau!...

ARIEL.

Vem ou quê?

Então a contra-revolução não vem dar cabo d'esta futrica toda? Despache-se senhora Amelia, avie-se menino Manuel...

Carecas... á mostra!

(Ao meu camarada REI LUSO)

Amiguinho Rei Luso cá 'stou eu Para chuchar com toda a humanidade, Até mesmo com Deus, que lá no céu Dizem ter uma certa divindade.

Meu estro que é um grande camapheu Ataca sem ter dó, nem ter piedade, E seja lá quem fôr, nobre ou plebeu, Aqui será punido p'la verdade!

Ha momentos na vida tão facetos Que deixam qualquer vate arrelampado Embora elle não seja dos mais pilhas.

Não troces, pois ó Rei, d'estes sonetos Pois eu, pobre de mim, fui educado Lá na Universidade de Cacilhas!...

ZE' LHEU.

E' boa...

Então não houve um jornal que chamou dedicado correigionario ao capitão Carmoza?!... D'aqui a pouco chamam thalassa ao dr. Afonso Costa...



E' ao som do pianinho alegre que começo as theatradas.

Eccô o fadinho pandego nas almas de todos nós, vibrado por mãos habéis e costumados a noutadas de esturdi.

Tinhamos salido do

Nacional acabando de ver a Lei do Divorcio uma bella peça litteraria de Augusto de Lacerda e como de costume entrámos na Floresta

Um copo de divino licor inventado pelo pae Noé e quando nos dirigimos para o

Apollo onde continua a Luvá Branca bello vaudeville que, aparte a opinião de certos moralistas, feitos á pressa, agradou a todos.

De subito deparou-se-nos o Maximo, um amigo velho que é minimo na altura sendo um paradoxo do proprio nome.

Quatro copo e vivas impressões acerca do

Theatro da Republica que nos apresenta O Convertido, peça em que entra a distincta actriz Adelina Abranches; e uma trem-sada, perdão uma automobilhada para as hortas.

Pelo caminho fallámos das novas peças que vão no

Gymnasto e que nos dizem ser de primelissima.

A comedia Filha e Sogra é uma pochade honesta e bem urdida que faz rir á farta.

Tambem se fallou do

Avenida que ainda tem em scena a Princesa dos Dollars que pegou e dá bons dollars á empresa.

Vae descançar em breve para o archivo para dar lugar ao Amor de Principe.

O Maximo foi buscar uma peça que por signal era «ladra» e estava á espera mesmo defronte da

Rua dos Condes que tem ganho bom dinheiro com a Tomada de Bastilha peça antiga mas que agora é mais que moderna.

Alves da Silva e a sua companhia tem conquistado os applausos do povo que gosta do genero dramalhão.

A peça metten-se na carriola e d'ali ao Arco do Cego foi um instante.

E' pena que os automoveis sejam tão caros e tão fedorentos, porque nós não queríamos outro meio de condução.

Soubemos que a conquista do Maximo tinha sido corista na

Trindade que reabre no proximo dia 16 com a revista O patz d' vinho do nosso amigo Leandro Navarro e de André Brun modificada com muitas novidades.

Na esperança de voltar para o seu antigo lugar de corista deixando o mister de peça tratou de ser condescendente connosco mal soube que rabisçavamos em jornaes.

E tão lamecha se mostrou durante a ceia que o Maximo afinou com a historia.

Ninguém tem culpa de nós sermos bonitos.

Agora que começou a guitarrada e não tardam as cantigas do estylo é que vão ser ellas!

O que vale é que ainda vou passar a noite ao Colyseo dos Heceiros para admirar o incomparavel transformista Casthor que é um grande artista.

Se não encontrar bilhete giro para o Salão Phantastico que tem ganho um dinheirão com a bella revista E' phantastico, que tem linda musica do Manteel Benjamin o nosso dilecto amigo.

Se ali ainda houver cabidella é marchar para o Music Hall da Avenida e ver a Viuva Alegre em Cascaes um hilarante-aproposito.

Não podemos escrever mais.

A peça está agarrada a nós, enquanto o Maximo foi lá dentro.

Beija-nos, abraça-nos n'uma furia doida. O' da guarda... republicana! Não encontramos a carteira que tinha cinco mil réis de ouro!...

OSCAR.



NEURANTHENICOS



1

2...

Agarro no papel e na caneta, Começo a matutar e sem saber Se versos sem sabor hei-de escrever... Medito e nada escrevo!... Ora que treta!...

Hei-de dizer que vejo sem luneta? Que sou marquez ou duque sem o ser? Que outr'ora vi Moysés sem nunca o vêr? —Não tenho inspiração, não sou poeta!

Começo novamente a labutar! A penna no tinteiro outra vez metto P'ra ver se sou capaz de rabisçar...

Mas quanto mais labuto, mais me espeto Ora bolas!... adeus!... Vou-me deitar —E assim a divagar, fiz um soneto!...

REI SAGARA.



Seeção Charadistiea

Acrostico

1
REI SAGARA
E
I
O LARDO
U
ESCLAPIO
MAR GAO
Poetas satyricos

Em phrase

2 O animal quando está em Lisboa tem a tranquilidade—2-3.
3 O verbo desconha do tecido—1-3.
4 A nota e a fenda tem piada—1-2.

Syncopadas

5 A tunica tem cauda—3-2.

6 O repfil é extenso—3-2.

Truncadas

7 Este ambar é estrangeiro—3.

8 A fatia tem aversão—2.

Combinada

9
1.º co—escuro.
2.º +bo—vara.
3.º cil—moldura.
Cambio

Typographico

A MÃO

XULO.

A certo de mão

TRES "PASSAROS" DE GRANDE SORTE, COM SORTE... DE GAIOLA...



O' seu Ribeirinha d'uma caneta, com qué então 300 contos por estes tres pássarões! Elles nem guinea valem: só se fosse para os ter de conserva toda a vida.